

FILOSOFIA, PSICOLOGIA E LITERATURA: ESBOÇOS DA ALMA EM DO MUNDO, SUAS DELICADEZAS,

PHILOSOPHY, PSYCHOLOGY AND LITERATURE: SKETCHES OF THE SOUL IN DO MUNDO, SUAS DELICADEZAS,

Camila Ribeiro Castro Soares 1
Roberto Antônio Penedo do Amaral 2

Psicóloga; Especialista em Psicologia Analítica Junguiana 1
(UNICAMP); Pós-graduanda em Ética e Ensino de Filosofia (UFT). E-mail:
camilaribeiro_castro@yahoo.com.br

Escritor, poeta, ensaísta e professor universitário. Graduado em 2
Pedagogia, Mestre e Doutor em Educação, pós-doutorando em Estudos
Literários pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Autor de Do mundo,
suas delicadezas, (romance) (Editora Penalux, 2017), 54 [+ uma] mulheres
do baralho (poemas) (Editora Cousa, 2105), Contos extraviados (contos)
(Butecanis Editora Cabocla, 2015), Uma Denise (romance) (Editora Cousa,
2014), Le mot juste (romance) (Oróbó Edições, 2011) e Paul Ricoeur e as
faces da ideologia (ensaio) (Editora da UFG, 2008). Assinou a coluna 'O mal-
entendido universal' na Germina – Revista de Literatura e Arte e a coluna
'Memorabilia' na Revista Pausa. Editor de Palávoraz – Literatura e Afins.
Coordenou o Projeto de Extensão Café Literário em Diamantina (MG).
Coordena o Projeto Diálogos Literários em Palmas (TO). Foi o curador do
Projeto Caravana Rolidey – Literatura na Estrada. Despacha no site literário
ERRE AMARAL. É professor associado I na Universidade Federal do Tocantins
(UFT), onde ministra aulas no Curso de Licenciatura em Filosofia, no Curso
de Pós-Graduação em Ética e Ensino de Filosofia e no Programa de Mestrado
Profissional em Filosofia – PROF-FILO. E-mail: robertoamaral001@gmail.com

Resumo: *Entraçamos neste trabalho três áreas de saberes excelsos com o zelo que julgamos necessário a esta proposta. Através das lentes da Filosofia e da Psicologia Analítica refletimos sobre as delicadezas do mundo de Pretinha na criação literária Do mundo, suas delicadezas,. A Filosofia nos guiou pela forma que o romance apresenta em sua linguagem, no pensamento histórico-filosófico que o percorre e aos questionamentos e ideias problemas que engendram a vida da protagonista. Quanto à Psicologia Analítica, que nos serve como principal chave de leitura para os fenômenos do mundo e das relações humanas, neste encontro interdisciplinar trouxe à baila a noção de inconsciente coletivo, a Literatura enquanto sua expressão criativa e as temáticas arquetípicas (arquétipos) presentes na obra literária. Em vias de consideração, vislumbramos o processo de individuação construído no decorrer da trama e percebemos o quanto a história de Pretinha imbrica elementos concernentes à trajetória da humanidade e da formação do povo brasileiro.*
Palavras-chave: *Filosofia; Psicologia Analítica; Criação literária; Arquétipos; Individuação.*

Abstract: *In this study, three areas of high knowledge are interweaved with the zeal that we deem necessary for this proposal. Through the lenses of Philosophy and Analytical Psychology we reflect on the delicacies of Pretinha's world in the literary creation Do mundo, suas delicadezas,. Philosophy guided us by the shape the novel presents in its language, in the historical-philosophical thought that runs through it, and by the questions and ideas that engender the protagonist's life. Regarding Analytical Psychology, which serves as the main reading key for world phenomena and human relations, in this interdisciplinary encounter brought to the surface the notion of collective unconscious, Literature as its creative expression and the archetypal themes (archetypes) present in the literary work. As hypothesis, we glimpse the process of individuation built along the plot and we realize how much the history of Pretinha connects elements concerning the trajectory of humanity and the formation of the Brazilian people.*
Keywords: *Philosophy; Analytical Psychology; Literary creation; Archetypes; Individuation.*

Uma tríplice aliança

*É a nossa vida, Pretinha,
E nosso esforço derradeiro é os seus porquês elucidar,*

(Erre Amaral)

Entrelaçar três áreas de saberes tão proeminentes nos parece uma proposta um tanto delicada, ainda que haja uma correspondência aparentemente “natural” entre elas, por isso ao lançarmo-nos a tal intento procuramos fazê-lo com modéstia e sutileza no trato.

Ao compreendermos a origem da Literatura, a reconhecemos, assim como o fez Platão (428/427 a.C.-347/346 a.C.), no Livro X de *A República* (2014), como o nascedouro da formação e propagação de conhecimento. Provavelmente também, assim como quer Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.), a primeira forma de reflexão sobre a vida, mesmo que implícita ou inconscientemente, se deu por meio de narrativas cantadas em versos, pois, para o Estagirita, “[...] no ser humano a propensão à imitação é imitação é instintiva desde a infância, e nisso ele se distingue de todos os outros animais; ele é o mais imitativo de todos, e é através da imitação que desenvolve seus primeiros conhecimentos” (*Poét.*, 1468b 1-5). Com isso em mente, a manifestação literária da qual nos valem para tecer esta conversação está em sua forma escrita, desde os versos que compõem o romance épico contemporâneo, *Do mundo, suas delicadezas*, (2017) do escritor rondoniense de berço, mas ao que parece cosmopolita de espírito, Erre Amaral (2017).

O segundo baluarte do conhecimento que nos acompanha nesta trajetória se estabeleceu enquanto sistematização dos questionamentos a respeito do homem e da vida. A Filosofia validou-se como forma de pensar e conceituar o mundo, principalmente a partir da indagação e formulação platônica sobre como seria uma sociedade justa. No entanto, diferentemente da Literatura que teve seu lugar assegurado de representação artística, a filosofia move-se e apresenta-se ora como ciência ora como arte, sem de fato legitimar-se em qualquer uma das duas, conforme nos sugere o filósofo paraense Benedito Nunes (1929-2011) (1983, p. 204) – no texto *Literatura e Filosofia: (Grande sertão: veredas)*, no qual nos balizamos filosoficamente – sobretudo a partir da verve filosófica de Friedrich Nietzsche (1844-1900). Talvez seja essa condição que, justamente, permita à Filosofia dialogar com os mais diversos tipos de saberes: a de categorizar sem ser categorizada.

Por sua vez, a Psicologia remonta suas origens tanto na Filosofia quanto nas ciências médicas, sendo a única das três com as quais vamos trabalhar reconhecida como ciência, ainda assim se configura no entremeio das ciências humanas, da saúde e, quiçá, sociais, como recentemente foi sugerido classificá-la. Em filigrana, a Psicologia que nos subsidia aqui e na leitura do mundo é a derivada dos estudos do psiquiatra suíço Carl Gustav Jung (1875-1961), nomeada como Psicologia Analítica ou mesmo junguiana.

Antes de adentrarmos à análise, reflexão ou interpretação do romance em questão, seguiremos com uma breve apresentação de nosso aporte filosófico e psicológico.

A filosofia, a psicologia analítica e a literatura como instâncias de questionamento

Ao conhecer a literatura, a filosofia tende a ir ao encontro de si mesma, a fim de não somente interrogá-la, mas também, refletindo sobre o objeto que passa a refleti-la, interrogar-se diante e dentro dela.

(Benedito Nunes)

É certo e até mesmo evidente que a psicologia, ciência dos processos anímicos, pode relacionar-se com o campo da literatura. A alma é ao mesmo tempo mãe de toda ciência e vaso matriarcal da criação artística.

(C. G. Jung)

Em seu trabalho *Literatura e Filosofia: (Grande sertão: veredas)*, Benedito Nunes faz uma atenta análise de uma das obras-mestras da literatura brasileira, *Grande sertão: veredas*, escrito engenhoso e sensível de João Guimarães Rosa (1908-1967); com o cuidado de não “transformar o texto num breviário de ideias”, mas assumindo o risco de(a) interpretação (1983, p. 191). A investigação do filósofo é compartimentada em três segmentos, cada qual com suas respectivas subdivisões, conquanto, o que mais nos diz respeito aqui é o traçado teórico que o autor fez para desenvolver seu “Prólogo não muito curto” sobre a relevância e o impacto da Literatura na Filosofia.

Nunes elaborou em seu texto um levantamento da apreciação literária pela Filosofia, remetendo-nos inicialmente a Platão e a Georg W. F. Hegel (1770-1831). N’A *República* nos lembrou que o poeta ou o artista não eram bem-vindos para compor e constituir a *pólis*, tendo em vista que o mundo, como o conhecemos, já se trata de uma representação do mundo ideal – no qual a verdade habita –, correspondendo, então, a arte, em específico a poesia, a uma imitação da imitação, portanto uma reprodução em terceiro grau da realidade, sendo assim, “A imitação, portanto, longe do verdadeiro e, se modela todos os objetos, é porque toca apenas a uma pequena parte de cada um, a qual não é, aliás, senão um simulacro” (*Rep.*, 598c). Enquanto para Hegel a poesia “é a mais espiritual de todas as artes”, se configurando como “um discurso não-filosófico mas verdadeiro” (NUNES, 1983, p. 189).

O filósofo paraense ainda discorre acerca da crise da metafísica, com a ascendência do Iluminismo e o culto à razão presente na obra kantiana, bem como sobre a organização das ciências humanas na Idade Moderna, a partir da qual, diversos âmbitos e objetos que eram de competência da Filosofia passaram a compor o rol de análise de outras disciplinas, por exemplo, da Linguística, da Sociologia, da Psicologia e Psicanálise. Entre esses objetos está a própria Literatura.

Com isso, Nunes formulou a seguinte indagação: o “que restou da Literatura para a Filosofia?” Sobre a qual ele mesmo ponderou: “A literatura é objeto de conhecimento filosófico porque é uma forma simbólica, porque há um domínio do simbólico, a que se atém o pensamento” (*Ibid.*, p. 191).

Refletir filosoficamente é sempre colocar o objeto sob a multiplicidade dos nexos que o sustentam. Se a filosofia é abrangente, o seu ângulo de abertura depende, em parte, das disciplinas, que podem considerar diversas espécies de conexões. Num encontro interdisciplinar como este, a função da filosofia talvez seja trazer à consideração, sob a forma de um *não apenas isto, mas também aquilo*, a cláusula do ideal de inclusividade. Mas dado que inclusividade não quer dizer compreensão totalizada e exaustiva – porquanto a filosofia se sabe um discurso sobre outros discursos – e levando em conta o que da filosofia passou para as outras disciplinas, na abordagem filosófica de uma obra literária, *considerada como forma*, seriam pontos de incidência da reflexão: a) a *linguagem*; b) as conexões da obra com as linhas do *pensamento histórico-filosófico*; c) a *instância de questionamento* que a *forma* representa, em função de ideias problemáticas, isto é, de ideias que são problemas *do e para* o pensamento (*Ibid.*, p. 192; grifos do autor).

É justamente sob essa perspectiva interdisciplinar e simbólica que a Psicologia Analítica vem ao nosso encontro. Jung consolidou uma vasta obra em conhecimento e empiria a respeito da psique humana, tendo por base concepções filosóficas, médicas, psicanalíticas e fazendo uso de saberes como a alquimia, mitologia e estudo comparado das religiões – há muito negligenciados em sua época –, desenvolveu seu trabalho de forma a engendrar uma ciência da alma. Isso se for recomendável ou sequer possível conceber as duas palavras em conjunto, o que para Jung, e para nós, faz todo sentido.

O paralelismo com minhas concepções psicológicas justifica designar minhas ideias como “românticas”. Pesquisa semelhante sob o ponto de vista filosófico também justificaria esta designação, pois toda psicologia que conhece a psique

como experiência é “romântica” e “alquimista” no sentido da história. Mas abaixo do nível da experiência, minha psicologia também é científico-racionalista, fato que gostaria que o leitor não esquecesse (JUNG, 2012, OC, v. XVIII/2, p. 385, § 1.740; aspas do autor).

O recorte que fazemos da Psicologia Analítica se fundamenta em três eixos imbricados entre si. Jung demonstrou que o inconsciente vai além dos conteúdos pessoais de cada indivíduo e representa muito mais do que um repositório de emoções e afetos recalçados.

[...] o inconsciente racional seria uma atividade psíquica que é independente da alma consciente e até mesmo da camada superior inconsciente, e continua não tocada – e talvez intocável – pela experiência pessoal, uma espécie de atividade psíquica supraindividual, um *inconsciente coletivo*, como o chamei, para distingui-lo de um *inconsciente* superficial, relativo ou *pessoal* (*Id.*, 2013a, OC, v. VIII/2, p. 93, § 311; grifos do autor).

Entender o inconsciente em seu aspecto coletivo nos revela que há estruturas anímicas comuns a todos os homens, independente do tempo e do espaço estabelecido racionalmente, o que explica porque a história da humanidade se repete, ainda que não explicita para quê.

Isso nos leva ao segundo eixo, do qual é composto o inconsciente coletivo, isto é, aos arquétipos e mitologemas. Esses podem até ser entendidos como conceitos paralelos, com a ressalva de que os mitologemas são constituídos por arquétipos, mas a recíproca não é verdadeira. “O inconsciente coletivo [...] parece ser constituído de algo semelhante a temas ou imagens de natureza mitológica” (*Ibid.*, p. 97, § 325). Ambos – arquétipos e mitologemas – são protótipos das configurações e relações humanas através dos quais vivenciamos nossa personalidade, nossas características idiossincráticas. Por esse motivo, os arquétipos apresentam-se como esqueletos revestidos das figuras arquetípicas contemporâneas, tantas quantas o número de seres humanos existidos, existentes e por existir.

Por isso devemos ressaltar mais uma vez que os arquétipos são determinados apenas quanto à forma e não quanto ao conteúdo [...]. Uma imagem primordial só pode ser determinada quanto ao seu conteúdo, no caso de tornar-se consciente e portanto preenchida com o material da experiência consciente. [...] O arquétipo é um elemento vazio e formal em si, nada mais sendo do que uma *facultas praeformandi*, uma possibilidade dada *a priori* (JUNG, 2014, OC, v. IX/1, pp. 86-87, § 155; grifos do autor).

O terceiro aporte que a Psicologia Junguiana nos traz é a concepção da criatividade como instinto base da vida e dos seres humanos. “Usamos a expressão *instinto criativo*, porque este fator se comporta dinamicamente, pelo menos à semelhança de um instinto”. – Assim como o instinto sexual, o de se alimentar ou o de repousar, por exemplo. – “É compulsivo, como o instinto, mas não é universalmente difundido nem é uma organização fixa e herdada invariavelmente. Prefiro designar a força criativa como sendo um fator psíquico de *natureza semelhante à do instinto*” (*Id.*, 2013a, OC, v. VIII/2, p. 64, § 245; grifos do autor).

Nesse sentido, a obra de arte, especificamente para nós a Literatura, é uma das manifestações do inconsciente coletivo. “Ela não é algo de derivado, nem de secundário, e muito menos um sintoma; é um *símbolo real*, a *expressão de uma essencialidade desconhecida*” (*Id.*, 2011, OC, v. XV, p. 96, §148; grifos do autor).

[...] a obra criadora jorra das profundezas inconscientes [...]. Não é Goethe quem faz o *Fausto*, mas sim a componente anímica *Fausto* quem faz Goethe. E afinal, o que é *Fausto*? É um símbolo, e não apenas uma indicação semiótica ou uma alegoria de algo há muito conhecido, a expressão de um dado

antigo, vivo e atuante na alma alemã, que Goethe devia dar à luz. É concebível que um escritor não alemão tivesse podido escrever um *Fausto*, ou um *Assim falava Zaratustra*? Essas duas obras aludem a um mesmo elemento que vibra na alma alemã, a uma “imagem originária” (*Ibid.*, pp. 105-106, §159; grifos do autor).

O que nos encaminha para *Do mundo, suas delicadezas*, impelindo-nos a questionar qual elemento ressoa da alma brasileira no romance.

Refletir, da delicadeza, seus mundos

Ao dizer tanto de você,
Fala muito mais de todos nós,
Da nossa erradia,
Funesta,
Mas venturosa,
Humanidade caída,
(Erre Amaral)

De pronto, o autor captura nossa atenção pelos recursos que emprega na linguagem do romance, Nunes (1983, p. 193) relata, fazendo menção a A. Jolles, que “a própria linguagem [...] é criação, fabricação e interpretação, na medida em que ela ordena”, nesse caso, desde a polissemia imanente do próprio título; o uso da vírgula como ponto estrutural das continuidades e descontinuidades da história; o ardiloso jogo na atribuição da autoria do texto; a oralidade e o regionalismo conferidos à escrita.

Do mundo, suas delicadezas, carrega um emaranhado de sentidos; quando começamos a leitura, e ainda em alguns outros trechos, podemos acreditar que o mundo de Pretinha, narradora e protagonista da história, é, de fato, repleto de delicadezas e doçuras com suas borboletinhas e florzinhas, sua aura infantil e o amor (de) mágico que era só dela. No avançar do enredo, contudo, percebemos a ironia das delicadezas do mundo, que tomam uma conotação de complexidade e fragilidade, pela trágica morte de seu irmãozinho que mal chegou a abrir os olhos, o abandono de seu pai e a brutalidade encarnada nos abusos de Reinaldo e Ferreira.

A *forma* pela qual a narrativa é construída tem sua marca no registro da vírgula ao final de cada verso, o que confere dupla impressão para a chave de leitura: de que pode se tratar de contos esparsos, ao mesmo tempo que se apreende, ao lê-los encarrilhados, que constitui a finura da teia em que é tecido o destino e os desatinos de Pretinha. O emprego da vírgula ainda no acabamento do texto simula a própria trama da existência com seus caminhos e descaminhos, que teimamos em acreditar haver desfecho.

Não há modo de deixarmos de mencionar a inventividade do autor ao criar o que optamos por chamar de *pseudo pseudônimo*. Ao brincar com a inicial de seu nome, o escritor transformou o que poderia ser tomada como sigla (Roberto → R), portanto uma forma de abreviação, em uma extensão fonética/fonológica da consoante (R → Erre) – visto que toda consoante só o é porque soa em conjunto a uma vogal.

Se nos restringíssemos a isso já teríamos uma noção da capacidade criativa e do requinte empregados na obra. Não obstante, quanto à linguagem, ainda é importante ressaltar o uso da fala e de termos regionais na narrativa, “de uma oralidade ficta, “criada a partir de modelos orais mediante a palavra escrita”” (GALVÃO, 1972, p. 70 *apud* NUNES, 1983, pp. 192-193). A oralidade expressa no romance pode ser captada pelos metaplasmos, aglutinações e onomatopeias, como em:

Santinha,
Cê sabe,
Caça boa é montando jirau em noite com lua cheia,
Espia lá,
Amanhã tô de volta,
C’a matula inchada,

Né, Capitão,

*Au au au,
O cão respondeu,
Balançado pela cauda,(AMARAL, 2017, p. 46)*

O regionalismo se fundamenta através da geografia, conhecimento e linguajar do sertão mineiro, onde se passa a história de Pretinha, perceptível também na referência acima quanto no trecho a seguir:

*Se sumiço mortal,
Onde o corpo,*

*Se nas matas do Biribiri,
Onde a cova,*

*Devorado por sanha de onça,
Por traiçoeira bocarra de jacaré,*

*Se engolido pela fundura do Jequitinhonha,
De tantos dias já vomitado desde o fundo,
A bubuiar qual pau podre em margem,
Já não teria,
Então,*

*Resposta alguma,
Só o vulto do mistério,
O flunar inconstante e embriagado da cinzenta mariposa, (AMARAL, 2018, p. 115-116)*

Nessa altura alcançamos os demais pontos de incidência propostos por Nunes no exame filosófico de uma criação literária: o pensamento histórico-filosófico e a instância de questionamento. “Disse Walter Benjamin que toda a obra artística tem no domínio da filosofia seus irmãos e suas irmãs” (NUNES, 1983, p. 202). E é em busca de uma compreensão das delicadezas do mundo de Pretinha que dialogamos com a Psicologia Analítica para refletir sobre esses parentes, isto é, os problemas filosóficos e psicológicos que perfazem o romance.

Ao contar sua trajetória, a narradora projeta temáticas essenciais da vida no sertão mineiro e, por extensão, da história da humanidade. Dentre as possibilidades diversas da riqueza dessas representações nos debruçamos, parcimoniosamente, sobre as seguintes: o abandono/desamparo/solidão; o amor; a prostituição; o preconceito étnico; a morte/Deus.

Na Filosofia, o pensamento da corrente existencialista é a que mais detidamente se dedicou ao sentimento de abandono, desamparo e solidão do homem em relação as coisas e ao mundo. “[...] o homem encontra-se desamparado, pois não encontra nem dentro nem fora de si mesmo uma possibilidade de agarrar-se a algo” (SARTRE, 2012, p. 24).

A partir dessa perspectiva, Pretinha nos descreve seu sofrimento evidenciando a dor de ser(,) no mundo bastardo:

Meu pai que nunca me veio, (p. 36)

*Como ter pai,
Se um eu tivesse, paizinho meu,
Como um assim,
Pertinho de mim,
Pro espanto do sofrer,*

*[...] Ter um pai pra desarmar as armadilhas do viver,
O que é,*

*Um pai a dar mãozona a mãozinha,
Fria e suada,
Por medo,
Por desespero,
Causa do escuro,
Da confusão,
O que é isso,
Eu não sei, (p. 38)*

Mesmo expondo seu desamparo perante o mundo, Pretinha nunca deixou de assumir as responsabilidades por si mesma: *Ninguém nunca me impeça de acreditar em mim*, (p. 79), o que alude a outra característica do existencialismo. “Assim, a primeira decorrência do existencialismo é colocar todo homem em posse daquilo que ele é, e fazer repousar sobre ele a responsabilidade total por sua existência” (SARTRE, 2012, p. 20).

Numa perspectiva da Psicologia Analítica, o abandono de Pretinha por seu pai pode ser entendido como ausência do referencial arquetípico primário da figura do *animus*, representante da ordem, do *logos*, da ação e da força tanto em sua tonalidade positiva quanto negativa, assim como qualquer arquétipo, pois é destituído de juízo de valor. Portanto, “[...] uma espécie de elo de ligação ou ponte entre o pessoal e o impessoal, bem como entre o consciente e o inconsciente. [...] um complexo funcional que se comporta de forma compensatória em relação à personalidade externa”, esclarece Emma Jung (2006, p. 15). Daí podemos conjecturar ou nos ater a indagar se a experiência problemática de relacionamentos amorosos da protagonista tem como um dos pressupostos a indiferenciação do *animus*.

Para a próxima temática que o romance enleva não existe maneira mais clara e autêntica de expressão do que a poesia. Ah, o amor...

*A graça,
De viver a dois,
Nós dois,
Quem poderia aquilo entender,
Ora,
O seu-ninguém,*

[...]

*Ah, e como nos entendíamos,
O nosso silêncio a dois fazia-se em certezas de nunca se duvidar do
mútuo amor,
Do compartilhado bem-querer, (p. 74)*

O amor é o mais sublime sentimento humano, estar enamorado é sentir borboletinhas no ventre, assim como experimentou Pretinha com seu amado mágico; a linguagem dos apaixonados está presente nas mais remotas expressões poéticas e podemos também recordá-las nas belas declarações de Salomão e Sulamita no livro bíblico Cântico dos Cânticos (4:10-11).

*Seus amores são melhores do que o vinho,
e mais fino que os outros aromas
é o odor de seus perfumes.
Seus lábios são favo escorrendo,
ó noiva minha.
Você tem leite e mel sob a língua,
e o perfume de suas roupas
é como a fragância do Líbano [2].*

Na Psicologia Analítica – diferentemente da Psicanálise que utilizou o mito de Édipo – Jung

baseou sua compreensão acerca do indivíduo e das relações humanas por meio do mito de Eros e Psiquê. A concepção psíquica freudiana está embasada, grosso modo, na triangulação id, ego e superego, na libido enquanto estritamente sexual e na fantasia do incesto. Para Jung, o amor entre Eros e Psiquê traz à tona metáforas da alma: a relação entre o divino e o humano, o entrelaçamento entre consciente e inconsciente e a personificação dos arquétipos no processo dolorido, e ao mesmo tempo auspicioso, de individuação.

Psiquê se fere e fere Eros e, através do ferimento de ambos, desfaz-se o vínculo original e inconsciente que os atava. Mas cria-se, contudo, a possibilidade de um novo encontro, cujo sentido principal é o amor entre os dois indivíduos. Repete-se no individual o que foi apresentado como origem mítica do amor no *Banquete* de Platão: a separação do que estava unido e o amor como saudade de “re-unir” o que havia sido dividido (NEUMANN, 1995, p. 70; grifos do autor).

A terceira proposição presente na história de Pretinha diz respeito a, provavelmente, uma das profissões mais antigas da história do mundo.

*Já se viu carta de apresentação pra puta,
O que cê precisa apresentar pros homens é o trem cabeludo que cê tementre as pernas,
menina, (p. 222)*

*Num solavanco já me puxou meu braço,
Queria ir pro meu quarto,*

[...]

*Ele não contou conversa,
Me aplicou um tapa no pé da orelha,
E me convocou às brutas,
Eu quero é agora, sua preta de merda,
Vãobora que eu tô sem paciência, (p. 228)*

O infortúnio de Pretinha com a prostituição nos faz descer ao mundo subterrâneo, espécie de reino de Hades, onde as lamentações lampejam e a obscuridade dos seres se tornam veementes. Em seu livro, *A prostituta sagrada*, a analista junguiana norte-americana Nancy Qualls-Corbett (1990) dedica-se ao estudo do sagrado feminino experienciado no mundo antigo pela adoração às deusas e a necessidade de restauração dessa vivência na sociedade moderna através do cultivo da fertilidade psíquica feminina na era do patriarcado. Em contraponto, a autora faz remissão à prostituta profana:

A prostituição fora dos recintos do templo era, portanto, esporte cruel e brutalizante. A degradação da prostituta profana – que representa o lado negro da sexualidade feminina – era profunda. Ela representa exatamente a antítese da prostituta sagrada, cuja sexualidade reverenciava a deusa [...] (p. 49).

Por sua vez, esse remoto tópico da vida humana nos direciona a um outro, este mais inerente à história de formação do povo brasileiro e ao cenário do sertão mineiro ainda na República velha – época em que parece transcorrer o romance. Trata-se da menção que Pretinha faz: “da carne mais barata do mercado”.

*Um homem negro,
Amarrado a um poste,
O corpo empapado de sangue,
Causa das várias chagas a ele pespegadas, (p. 214)*

*Eu aprendi que as nossas negras carnes,
A minha e a daquele homem martirizado em frente ao fórum,
Eram as mais baratas do Mercado Velho de Diamantina, (p. 231)*

O preceito da alma brasileira no romance, que questionamos na seção anterior, fica evidente aqui: a dificuldade do brasileiro de legitimar sua história, reconhecer suas origens e entrar em contato com aquele que ele julga inferior, porque diferente – como se de fato houvessem iguais –, aquele que ele chama de outro e projeta as obscuridades que tenta esconder de si próprio, enfim, o outro em si mesmo.

No plano do visível, dizemos que somos um povo de diferentes, que se juntaram num mesmo caldeirão. Então é a imagem da sopa feita de vários ingredientes, onde se mistura tudo. Por baixo, no plano invisível, é o contrário disso. Somos um povo fracionado e dividido por muros altíssimos, onde um tem medo do outro (DIAS; GAMBINI, 1999, p. 72).

Deparamo-nos aqui com o que, muito possivelmente, formula o aspecto central da criação de *Do mundo, suas delicadezas*, a composição anímica e psicológica da alma brasileira que é destituída de um pai, porque este somente colonizador, e de uma mãe, estigmatizada em seus atributos femininos. Assim como Pretinha, carregamos, enquanto nação, o sentimento de inferioridade com o que poderia ser nossa mais sedimentada fortaleza: a diversificação e pluralidade cultural. Do mesmo modo, mas na contramão, negligenciamos também em assumir uma identidade – novamente em concordância com Pretinha – ao nos sentirmos bastardos em nossa própria pátria.

Estamos tratando aqui de um nível coletivo e inconsciente,

[...] a sociedade brasileira está amarrada, mas não sintetizada. Pode-se juntar, passar um cordão em volta e dizer: “Olha aqui um conjunto de coisas”. Mas não houve amálgama, não houve síntese. Por quê? Porque há uma negação. Na hora de medir os valores, eles são muito desiguais. E nós sabemos que isso começa com a negação da alma do outro. Então é claro que não dá para juntar se, desde começo, se dizia que o índio era um animal e o negro uma mercadoria, e que nenhum dos dois tinha alma. A alma estava nos católicos, a alma estava nos brancos, que concedem um pouquinho de alma através do batismo. Se eles se deixarem batizar, se catequizar, adquirem uma alminha, que, no entanto, nunca deixará de ser inferior (*Ibid.*, pp. 68-69).

Esses problemas filosóficos e psicológicos propostos na narrativa, Jung os considera arquétipos proeminentes do inconsciente coletivo, por isso comuns a todos os homens.

Um arquétipo em si mesmo não é bom, nem mau. É um *numen* moralmente indiferente. Só através de sua confrontação com o consciente torna-se uma coisa ou outra, ou então uma dualidade de opostos. Esta inflexão para o bem ou para o mal é determinada consciente ou inconscientemente pela atitude humana do sujeito (JUNG, 2011, OC, v. XV, p. 107, §160; grifo do autor).

O último deles sobre o qual refletimos concerne, desde uma interpretação possível, portanto, não definitiva, à morte de Pretinha, seu encontro com Deus, portanto sua redenção. Para a protagonista, a imagem de Deus encarna “a essência da luz espiritual, que aparece como a última flor na árvore do desenvolvimento, [...] a meta da salvação espiritual na qual culmina toda a criação” (*Id.*, 2013b, OC, v. VIII/1, pp. 68-69, § 103).

*Foi quando Ele me veio, meu lindo,
Assentado numa nuvem de milagre,*

*Ele, meu bem,
O Senhor dos meus prodígios,
Meu Pai Grande, (p. 262)*

Pretinha diante de seu momento derradeiro verte a verdade que a caracteriza, tal qual a criança inocente que sempre fora, se entrega aos braços de seu Pai Grande, um pai que finalmente veio.

À guisa de conclusão

*Pela vez primeira,
Em toda a minha existência,
Me via a mim mesma por completo,*

*No mal-acabamento de meu ser,
É certo,
Mas na inteireza de minha imperfeição,
(Erre Amaral)*

O que mais nos importa aqui, independente do significado que atribuamos para as delicadezas do mundo, é a atitude final de Pretinha para cada uma delas, a crença de que Deus poderia separar ao meio o mal e o bem que habitavam sua alma. No fim de seu trajeto a protagonista pôde vislumbrar – o que também ansiamos – seu processo de individuação ao compreender que “a vida em sua plenitude não precisa ser *perfeita*, e sim *completa*” (JUNG, 2012b, OC, v. XII, p. 172, § 208; grifos do autor).

As questões filosóficas presentes no romance nos levaram a concordar com Nunes: “descobre-se o solo metafórico da filosofia, e pode-se então começar a perguntar se ela não é uma certa espécie de literatura” (1983, pp. 204-205).

Ciente de que analisamos uma ínfima parcela da densidade filosófica e psicológica da obra, ainda assim acreditamos que nossa reflexão é digna de ser levada em consideração, até porque há uma questão que persiste quando ousamos interpretar a arte (da vida):

[...] será que a arte realmente “significa”? Talvez a arte nada “signifique” e não tenha nenhum “sentido” [...]. Talvez ela seja como a natureza que simplesmente é e não “significa”. [...] Poder-se-ia dizer que arte é beleza e nisso ela se realiza e se basta a si mesma (JUNG, 2011, OC, v. XV, p. 78, §121; grifos do autor).

Notas

[1] Cf. em <https://site.cfp.org.br/tag/classificacao/>. Acessado pela última vez em 20/11/2018.

[2] A versão aqui utilizada foi: *Bíblia sagrada*. (1990). São Paulo: Paulus.

Referências

AMARAL, E. (2017). *Do mundo, suas delicadezas*. Guaratinguetá, SP: Penalux.

ARISTÓTELES (2011). *Poética*. (Edson Bini, Trad.). São Paulo: EDIPRO.

DIAS, L.; GAMBINI, R. (1999). *Outros 500. Uma conversa sobre a alma brasileira*. São Paulo: Senac.

JUNG, C. G. (2011). *O espírito na arte e na ciência*. In C. G. Jung. *Obras Completas* (v. XV). (Maria de Moraes Barros, Trad.). Petrópolis: Vozes.

_____. (2012a). *A vida simbólica: escritos diversos*. In C. G. Jung. *Obras Completas* (v. XVIII/2).

(Edgar Orth, Trad.). Petrópolis: Vozes.

_____. (2012b). **Psicologia e alquimia**. In C. G. Jung. Obras Completas (v. XII). (Dora Mariana R. F. da Silva, Trad.). Petrópolis: Vozes.

_____. (2013a). **A natureza da psique**. In C. G. Jung. Obras Completas (v. VIII/2). (Mateus Ramalho Rocha, Trad.). Petrópolis: Vozes.

_____. (2013b). **A energia psíquica**. In C. G. Jung. Obras Completas (v. VIII/1). (Maria Luiza Appy, Trad.). Petrópolis: Vozes.

_____. (2014). **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. In C. G. Jung. Obras Completas (v. IX/1). (Maria Luiza Appy; Dora Mariana R. F. da Silva, Trad.). Petrópolis: Vozes.

JUNG, E. (2006). **Animus e anima**. (Dante Pignatari, Trad.). São Paulo: Cultrix.

NEUMANN, E. (1995). **Amor e Psiquê: uma contribuição para o desenvolvimento da psique feminina**. (Zilda Hutchinson Schild, Trad.). São Paulo: Editora Cultrix.

NUNES, B. (1983). **Literatura e Filosofia: (Grande sertão: veredas)**. In L. C. Lima. **Teoria da literatura em suas fontes**. Rio de Janeiro: F. Alves.

PLATÃO. (2014). **A República**. 2. ed. (J. Guinsburg, Trad.). São Paulo: Perspectiva.

QUALLS-CORBETT, N. (1990). **A prostituta sagrada: a face eterna do feminino**. (Isa F. Leal Ferreira, Trad.). São Paulo: Paulus.

SARTRE, J-P. (2012). **O existencialismo é um humanismo**. (João Batista Kreuch, Trad.). Petrópolis: Vozes.

Recebido em 30 de setembro de 2018.

Aceito em 20 de janeiro de 2019.